



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

O DIALETO CAIPIRA: CONTRIBUIÇÕES DE AMADEU AMARAL PARA A PRODUÇÃO DE UM ACONTECIMENTO DISCURSIVO

Lígia Mara Boin Menossi de Araujo¹

Resumo: Este trabalho é parte de nossa pesquisa de pós-doutorado que tem como objetivo tecer um levantamento biográfico e epistemológico acerca de um dos principais estudiosos da linguagem brasileiros, Amadeu Amaral, de modo que este estudo possa ser colocado em circulação, principalmente para mostrar sua importância para o desenvolvimento social do Brasil. O *Dialeto Caipira*, de autoria do pesquisador, contribuiu de maneira inovadora para os estudos da dialetologia; desse modo, nossa pesquisa se justifica, uma vez que há poucos dados epistemológicos e biográficos dos personagens históricos que fizeram estudos linguísticos – ainda no século XIX e início do XX. Para tanto, estaremos embasados teórica e metodologicamente na noção de narrativa do acontecimento, proposta por Guilhaumou (2009) inserido no campo da Análise do Discurso francesa.

Palavras-chave: Acontecimento discursivo; dialeto caipira; epistemologia.

Abstract: This meta-paper describes the style to be used in articles for publication in Anais do V Colóquio da ALED. All papers should add an abstract in the *language in which is written the article* (Portuguese) and we also ask for an abstract in English, Spanish, French. Each abstract should not exceed 10 lines and must be in the first page.

Keywords: computational linguistics; excessive resolution; empirical segmentation.

Introdução

Este trabalho é parte de nossa pesquisa de pós-doutorado que objetiva fazer um levantamento biográfico e epistemológico acerca de um dos principais estudiosos da linguagem brasileiros, Amadeu Amaral, considerado, entre muitos estudiosos, um dos “fundadores” da dialetologia brasileira em virtude da publicação da obra *O Dialeto Caipira*; desse modo, nossa pesquisa se justifica, uma vez que há poucos dados epistemológicos e

¹ Doutora em Linguística pela UFSCar e pós-doutoranda no Programa de pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo - USP, e-mail: ligiamenossi@gmail.com.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

biográficos dos personagens históricos que fizeram estudos linguísticos – ainda no século XIX e início do XX.

O Dialeto Caipira, publicado em 1920, é uma obra de referência na história da dialetologia brasileira, sua presença contribui para que alguns especialistas da área acentuassem a importância de uma nova orientação nos estudos da língua, a nosso ver, um verdadeiro acontecimento na história da linguística no Brasil. Um dos objetivos do autor era o de descrever o falar caipira em seus diferentes aspectos: fonético, lexical, morfológico e sintático, a fim de retratar de forma mais abrangente um falar regional brasileiro. Sua importância é indiscutível, pois, do ponto de vista metodológico, Amaral pautou-se por princípios rigorosos de investigação que considerou indispensáveis e que conferiram confiabilidade à sua descrição, como, por exemplo, a rejeição de dados não verificados pessoalmente por ele que era um autodidata e desenvolveu seu estudo em época em que não contávamos ainda com um centro universitário de pesquisa em São Paulo. Além disso, não podia contar à época com um instrumento de pesquisa, pela falta de invenção, que praticamente revolucionou o modo de produção das pesquisas científicas linguísticas, sobretudo as que lidavam e lidam com os aspectos fonológicos das línguas, a partir dos anos 1950: os gravadores de áudio.

Para esta reflexão, trouxemos as noções de acontecimento linguístico, acontecimento discursivo e, mais especificamente, o conceito de narrativa do acontecimento proposto por Guilhaumou (2009) para investigar, com base na noção de acontecimento, a constituição e a promoção dos discursos que são produzidos por alguns materiais que selecionamos: *O dialeto caipira na região de Piracicaba* (RODRIGUES, 1974) e *A Resistência de Traços do Dialeto Caipira* (CASTRO, 2006). Nossa hipótese é a de que o acontecimento discursivo de cada publicação coloca em evidência um sujeito da enunciação, destacando seus próprios recursos interpretativos e retomando um acontecimento histórico: *O Dialeto Caipira*.

Portanto, objetivamos, neste trabalho apresentado no VI Colóquio da Associação Latino-americana de Estudos do Discurso – ALED – compreender como cada uma dessas duas narrativas reconstrói um acontecimento histórico: *O Dialeto Caipira*, analisar como se constroem novas formas de representar as contribuições de Amaral a partir de um



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

funcionamento discursivo próprio de cada autor, verificar em que medida a figura de Amaral contribui para a escrita da história dos estudos da linguagem no Brasil, uma vez que a circulação de suas ideias, a partir de novas narrativas, proporcionam uma nova maneira de se olhar o período dialetológico, identificando-o por meio de características oriundas do povo brasileiro.

Fundamentação teórico-metodológica

Nosso trabalho assume a concepção de acontecimento de Guilhaumou (2009), como algo que se dá no interior do arquivo, isto é, que permanece perpetuamente reinterpretável juridicamente e, por conseguinte, atual ao próprio sentido. O arquivo, segundo Guilhaumou (2009), não é simplesmente um conjunto de textos que são produzidos e circulam na sociedade, como práticas documentais, é composto por saberes que se constituem ao longo dos tempos, nas mais distintas formações sociais, e que se articulam por meio de gestos de leitura que atualizam as configurações significantes, os dispositivos de significações de enunciados atestados. O arquivo não pode ser descrito em sua totalidade, mas se dá a ler por fragmentos de enunciados que se configuram em novas instâncias de enunciação e têm por consequência o surgimento de novos acontecimentos discursivos.

A situação, quer se trate de um elemento do mundo real, quer se trate, mais simplesmente, de uma situação dita de enunciação, é conjuntamente “momento genético da realidade e lugar de sentido”. O acontecimento, portanto, é formulado por um conjunto heterogêneo de enunciados constitutivos do acontecimento discursivo, no interior do arquivo. Na perspectiva do autor, o acontecimento deve ser vislumbrado enquanto enunciado de arquivo, no qual os textos e a produção dos sentidos se dão no interior de uma historicidade. Desse modo, propõe que o acontecimento seja abordado e descrito a partir de uma ordem racional: i) acontecimento linguístico; ii) acontecimento discursivo e; iii) narrativa do acontecimento. A partir dessas reflexões, o pesquisador francês contempla a noção de acontecimentalidade, sendo que esta se concretiza a partir do que ele chama de narrativa do acontecimento:

a narrativa do acontecimento relança, então, a ação infinita da interpretação, permite uma abertura máxima das narrações, assimila ação e pensamento, associa o ato e a revelação, torna memorável a vida da heroína e do herói. Introduz-nos no agir político verdadeiro, no sentido em que a ação política é trazida ao julgamento desinteressado



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

da dimensão universal do acontecimento singular, a exemplo de Kant ao julgar com entusiasmo a Revolução Francesa (GUILHAUMOU, 2009, p. 137).

O acontecimento parte do linguístico ao discursivo e, deste, à narrativa do acontecimento. O acontecimento linguístico relaciona-se com a norma referencial da língua, isto é, inscreve-se na perspectiva referencial, no mundo dos nomes em que o sujeito já é constituído, tratado como sujeito cognitivo. Por sua vez, o acontecimento discursivo é considerado na perspectiva de Foucault (1969), em *A Arqueologia do Saber*, em que a simples inscrição do que é dito como elemento é atestado pelo enunciado.

O estudioso considera necessário pensar o arquivo não como um amontoado de documentos fechados, mas sim, o arquivo como algo que participa de um gesto de leitura: “saímos do mundo dos nomes e de seus referentes para entrar no universo da reflexividade do discurso, dos recursos próprios dos sujeitos da enunciação implicados no acontecimento” (FOUCAULT, 1969, p.124). É preciso pensar em avançar sobre o sujeito cognitivo, responsável pelo acontecimento que se produz, e também o sujeito que irrompe na enunciação do acontecimento para um sujeito histórico, portador de emancipação, que busca autonomia. Para pensar nessa nova perspectiva, é necessário trazer a noção da narrativa do acontecimento:

Na realidade, a efetividade da narrativa do acontecimento, mais especificamente da ação que descreve, é ainda maior quando ela revela a vontade de independência de um sujeito, em geral coletivo e tornado aquele que age no interior da narração...Certamente estamos já distantes desse alguém que permite ao sentido chegar ao acontecimento linguístico, e até mesmo do universo auto constituído desse *aquilo* que ocorreu no interior do acontecimento discursivo, mas estamos, ainda assim, prontos para conceber que a intriga vinda das profundezas dos tempos termina pela presença de um sujeito emancipado que dispõe plenamente de sua inteligência narrativa (GUILHAUMOU, 2009, p. 137).

A narrativa do acontecimento, tida como algo prospectivo, isto é, apreendida em julgamentos universalizáveis dos atos da vida de cada um na relação com os outros, permite investigar “[...] as expectativas vividas e as expectativas dos homens atuantes e sofredores, a tematização do tempo histórico em adequação com ele mesmo introduz a transformação no curso das ações humanas” (GUILHAUMOU, 2009, p. 135). Ademais, ela visa a apresentar o percurso de um acontecimento que produz historicidade sobre os fatos, levando em consideração a lógica sequencial e sua dimensão configurante. A narrativa do acontecimento é



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

algo universalizante, é relato do coletivo para o movimento de interpretação do acontecimento.

Com base em Guilhaumou (2009), entendemos que os dizeres sobre Amadeu Amaral e sua produção se constituíram com base em diferentes narrativas em que os sujeitos a partir de diferentes condições históricas foram paulatinamente construindo os acontecimentos, isto é, foram dando legitimidade institucional por meio dos mais variados trabalhos acadêmicos às suas perspectivas teóricas.

No século XX, observamos, nas primeiras quatro décadas – período que compreende nosso intento investigativo, para este século –, um movimento de personagens-pesquisadores que buscavam trazer à tona estudos de linguagem que fossem inscritos em duas ordens de observação, principalmente: histórica e filológica. Portanto, é nestas duas balizas teóricas o lastro daquela época para a compreensão empírica de fenômenos linguageiros utilizando-se dos métodos diacrônico e sincrônicos. É deste momento, por um lado, que surgem figuras importantes, tais como João Capistrano de Abreu, Manuel Said Ali, Álvaro Sousa da Silveira, Sílvio Edmundo Elia, Serafim da Silva Neto, Gladstone Chaves de Melo e que, especificamente, seguiam uma orientação diacrônica no tratamento da língua portuguesa – as falas do presente não eram consideradas – para criar um rumo, linear, acerca das estruturas da língua portuguesa.

Por outro lado, temos nos entornos deste mesmo período personagens que, com suas pesquisas, parecem escapar a uma classificação mais apressada. Trata-se de atores sociais tais como Amadeu Amaral, Antenor Nascentes, Nelson Rossi, Mario Marroquim que seguiam uma orientação sincrônica da língua portuguesa, para obter um retrato dos caracteres gerais do(s) dialeto(s) brasileiro(s), em suas mais distintas regiões. É deste período que surge uma das personagens-chave para a compreensão histórica dos estudos de linguagem no Brasil: Amadeu Amaral. A princípio, pode se dizer que se trata de um linguista dialetologista que, mesmo à margem dos formalismos acadêmicos, mas à frente de seu tempo, fez pesquisas bastante profícuas e sistematizou um dos falares mais característicos do Brasil: o dialeto caipira.

Suas pesquisas dizem, em linhas gerais, em defesa de suas teses, que o chamado dialeto caipira estava bem sedimentado até o século XIX, no território da antiga província de



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

São Paulo. Era este dialeto “bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível”, e que dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influência até outros grupos, inclusive os de grupos mais culto, a minoria da população, da época. No entanto, já àquela época, era possível notar que o estabelecimento de padrões cultos no ensino estavam afastando as características típicas desse dialeto caipira, algo que Amaral descreve bastante bem (AMARAL, 1920, p.1).

O acontecimento Dialeto Caipira

É sabido que, diante de um conjunto de enunciados, no interior de práticas discursivas, muito pode ser (re)dito, (re)visitado e, principalmente, (res)significado, e, por consequência, é possível transformar os grandes feitos na história, os episódios do passado em acontecimentos que marcam uma época, uma sociedade. Os sujeitos, inseridos num lugar institucional e determinados por certas regras sócio-históricas, constroem diferentes narrativas em torno de um acontecimento marcante na história, proporcionando (re)visitar um pensamento e trazer novas instâncias discursivas, novos gestos de interpretação. Pode-se afirmar, com isso, sob a perspectiva de Guilhaumou (2009), que determinadas narrativas, “sob sua forma singular e/ou coletiva, seriam a forma histórica mais acabada de experimentação do real ao longo da existência da humanidade” (GUILHAUMOU, 2009, p. 138). Elas tematizariam também, em seu percurso, formas sociais particulares que dão consistência universal a uma narração de vida, a uma representação histórica num determinado contexto de transformações heroicas.

Apresentaremos duas narrativas produzidas sobre o *falar caipira* após a publicação de *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral. Diante de sua obra, publicada em 1920, pôde-se pensar no desenvolvimento de um campo de saber importante, a dialetologia, tomando como objeto de estudos as diferentes variações da língua portuguesa. Muitos estudos e pesquisas surgiram e contribuem para a construção do cenário dialetológico brasileiro; assim, foi possível a promoção de diferentes narrativas que retomassem o discurso primeiro formulado reforçando a importância de sua pesquisa.

Para a promoção dessas narrativas, tomamos certos sujeitos como *narradores-produtores* cuja função é (re)visitar as reflexões de Amaral acerca do dialeto caipira e (re)dizê-las a partir de novos acontecimentos discursivos. Podemos pensar no *narrador-*



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

produtor como aquele cujo sujeito narra e descreve os fatos, produz julgamentos, avaliações e, principalmente, atribui aos enunciados diferentes gestos de interpretação. O *narrador-produtor* torna-se autorizado a falar não apenas sobre o dialeto caipira e sobre Amadeu Amaral, mas também, muitas vezes, como Amaral.

A partir de Amaral (1920) com *O Dialeto Caipira*, trouxemos para nosso primeiro esboço de análise a obra de Rodrigues (1974) *O dialeto caipira na região de Piracicaba* e a tese de doutoramento de Castro (2006) *A Resistência de Traços do Dialeto Caipira*.

A partir de suas leituras, constatamos que *O Dialeto Caipira* (AMARAL, 1920) é um acontecimento histórico que reflete as mudanças sobre o modo de falar caipira, à época da província de São Paulo, mobilizando modificações não apenas no âmbito lexicográfico, mas também na observação da língua em uma determinada área, procurando caracterizá-la por meio de termos léxico-semânticos, fonético-fonológico e morfossintático. Segundo o autor,

tivemos, até cerca de vinte e cinco a trinta anos atrás, um dialeto bem pronunciado”, no território da antiga província. É de todos sabido que o nosso *falar caipira* – bastante característico para não ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível – dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influência à minoria culta. As mesmas pessoas educadas e bem falantes não se podiam esquivar a essa influência. Foi o que criou aos paulistas, há bastante tempo, a fama de corromperem o vernáculo com muitos e feios *vícios* de linguagem (AMARAL, 1920, p.1).

Amaral contribuiu para uma nova fase da dialetologia brasileira, pois preocupou-se em observar os dados *in loco* levando em consideração os diferentes aspectos da realidade observada. Dentre eles, destacamos: o "R" caipira - O fonema /r/, em fim de sílaba ou em posição intervocálica, assume as características formas aproximante alveolar [ɹ], retroflexo [ɻ]. e a rotacização do "L"- a permutação, em fim de sílaba, da aproximante lateral [l] pelo fonema /r/ (enxoval > enxovar, claro > craro). Pode-se dizer que esses traços não são exclusivos do dialeto caipira, mas se fazem presentes em todo país, sendo menos comum na linguagem culta.

Após a leitura da obra de Amaral (1920), partimos para a investigação acerca dos dizeres outros produzidos por Rodrigues (1974) e Castro (2006). Esses *narradores-produtores* permitiram visualizar a produção de novos percursos narrativos sobre a obra de Amaral, possibilitando outras leituras e gestos de interpretação.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Na narrativa de Rodrigues (1974) e Castro (2006), o dialeto caipira permanece forte em determinadas regiões do país, ao contrário do que pensava Amaral quando afirma que em pouco tempo esse “caipirismo” deixaria de existir.

Este [o dialeto caipira] acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve. Legará, sem dúvida, alguma bagagem ao seu substituto, mas o processo novo se guiará por outras determinantes e por outras leis particulares (AMARAL, 1920, p.2).

Ao retomar os enunciados de Amaral, novas instâncias de sentidos são atualizadas com base em novos desdobramentos da língua no contexto atual de observação. A presença do falar caipira torna-se tão forte que é constantemente retomada em piadas, novelas e sátiras, cujo objetivo é (de)marcar expressivamente as características de um modo de falar brasileiro em virtude das condições de enunciabilidade.

Amaral, de forma pessimista, afirma que esse dialeto característico da região achava-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve. Dizia o autor que o falar caipira se achava “acantado em pequenas localidades” que ficaram à margem do progresso, existindo apenas “na boca de pessoas idosas” (AMARAL, 1920, p.1). Tal afirmação se dava em virtude dos fatores que alteraram o meio social da época, como a libertação dos escravos, o crescimento da população, a imigração e a ampliação das vias de comunicação e intensificação do comércio, os “genuínos caipiras”, “os roceiros ignorantes e atrasados” e o “caipirismo”, vão perdendo espaço de influência. Notamos nas afirmações de Amaral que ele baseia-se nos dados e fatos que tinha à época de sua investigação ou seja, as condições de produção e enunciabilidade.

Já na narrativa de Rodrigues (1974), que delimita-se a investigar o dialeto caipira apenas na região de Piracicaba, os estudos de Amaral não poderiam observar com afincos quanto o dialeto poderia perdurar, pois o estudioso não teria demarcado sua coleta de dados a partir de uma localização precisa. Segundo Rodrigues:

Amaral não delimita a área de suas investigações. Diz apenas que ‘O falar do norte do país não é o mesmo que o do Centro ou do Sul. O de São Paulo não é igual ao de Minas. No próprio interior deste Estado se pode distinguir, sem grande esforço, zonas de diferentes matizes dialetais – o Litoral, o chamado “Norte”, o Sul, a parte confinante com o Triângulo Mineiro (AMARAL, 1920, p. 14-15 apud RODRIGUES, 1974, p.22).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Nesse caminho, Rodrigues atesta a vitalidade do “caipirismo” que ainda perdura no Estado de São Paulo, sobretudo na região de Piracicaba, mostrando que ainda hoje, após vários anos de estudos promovidos por Amaral, continua forte a presença do dialeto caipira e que ele não se esgotou ou desapareceu, pelo contrário, continua vivo.

Em estudos mais recentes, como os da Profa. Dra. Vandarsi Castro (2006), o dialeto sobreviveu e em algumas regiões ainda é forte e marcante:

A previsão do autor ainda não parece ter se concretizado e é esse justamente o nosso ponto de interesse. Cerca de 50 anos após a publicação do estudo de Amadeu Amaral, Rodrigues (1974) atesta a vitalidade do dialeto caipira na região de Piracicaba (CASTRO, 2006, p.19).

Para mostrar a resistência do dialeto caipira, a pesquisadora traz a descrição fonética do “r retroflexo” como um dos traços mais marcantes do falar caipira que sobreviveu ao tempo e também influenciou várias regiões do país.

Uma das peculiaridades mais marcantes do dialeto descrito por Amaral (1920) é o “r retroflexo” ou também chamado “r caipira”, expressão tomada do próprio Amaral (CASTRO, 2006, p.80).

Castro (2006) afirma que a descrição que Amaral faz do “r caipira” é minuciosa, porém pudemos constatar que ela é mais uma das inúmeras características descritas com rigor metodológico, traço particular não destacado na obra de Amaral. É possível observar – de acordo com o breve resumo trazido acima – que o autor tenta descrever todas as peculiaridades do dialeto caipira como forma de registro para aqueles que por ele poderão se interessar já que estaria condenado a desaparecer. Já a Profa. Vandarsi Castro, quando compila os estudos iniciados por Amaral, tenta mostrar que hoje o dialeto permanece e uma de suas características que resistiram ao tempo e as mudanças históricas foi o /r/ retroflexo.

Considerações Finais

Podemos dizer que as diferentes narrativas do acontecimento emergem a partir do trabalho de Amadeu Amaral, porém elas se consolidam para além de um acontecimento linguístico, mas também como acontecimentos discursivos quando são retomadas e, muitas vezes, (re)significadas pelos *narradores-produtores*. A medida que diferentes discursos são trazidos e (re)visitados possibilitam que novos gestos de interpretação sobre o dialeto surjam



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

e adquiram novos efeitos de sentido. Dizendo de outro modo, Rodrigues (1974) possibilita a emergência de um discurso outro ao asseverar que Amaral não delimita o espaço observado, não tece um recorte territorial mais preciso e esse fato o impede de prever a sobrevivência do dialeto, diferentemente de Rodrigues que se detém a região de Piracicaba, demarcando o espaço de estudo na tentativa de recontar a história do dialeto na região.

Para Castro (2006), que também confirma a existência nos dias atuais do dialeto, ele teria sobrevivido em virtude de uma de suas características ser demasiadamente marcante e influente, mas que não foi perceptível para Amaral na época de suas pesquisas. Tais retomadas contribuem para que a memória de Amaral seja (re)produzida discursivamente e seu papel, num cenário tão importante e pouco estudado na década de 1920, seja reconhecido como um dos primeiros estudiosos a abordar questões de certa forma, brasileiras, tais como os diferentes dialetos regionais, sobretudo o caipira.

Referências bibliográficas

- AMARAL, A. O dialeto caipira. 3. ed. São Paulo: Hucitec-SCET-CEC, 1976. [1920].
- CASTRO, V. A Resistência de Traços do Dialeto Caipira: estudo com base em Atlas Linguísticos Regionais Brasileiros. Tese apresentada ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 2006.
- FOUCAULT, M. A ordem do discurso. 9ª ed. SP: Edições Loyola, 2003 (1970).
- _____. A Arqueologia do saber. 6ª ed. RJ: Forense Universitária, 2000 [1969].
- GUILHAUMOU, J. Linguística e história: percursos analíticos de acontecimentos discursivos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.
- RODRIGUES, A. O dialeto caipira na região de Piracicaba. São Paulo: Ática, 1974.